

VIII ENCONTRO DE MUSICOLOGIA DE RIBEIRÃO PRETO

Dias 22 (Qui) e 23 (Sex) de Agosto de 2019

LOCAL: Departamento de Música da FFCLRP (bloco 34 e Tulha)

APOIO: FAPESP, CAPES, Pró-Reitoria de Cultura e Extensão, Pró-Reitoria de Pesquisa, Pró-Reitoria de Pós-Graduação

PROMOÇÃO: Departamento de Música da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo

Comissão Organizadora: Marcos Câmara de Castro (USP/presidente), Cássia Carrascoza (USP) e Fernando Corvisier (USP)

A MÚSICA E AS ARTES NA UNIVERSIDADE: PUBLISH OR PERISH?

Keynote speakers: Aloysio Fagerlande (UFRJ) e John Rink (Cambridge)

A música na universidade não pode deixar de ser música, arte. O erro é achar que só a pesquisa garante a condição acadêmica da música. A composição e a performance são atividades acadêmicas não menos importantes. A pós-graduação em música deve ser profissional porque prioriza a atividade artística em seu campo de trabalho. A música na USP, desde Olivier Toni, foi pensada no modelo da Hochschule alemã cujo modelo preconiza uma avaliação pelo ensino e pela atividade artística prioritariamente. O que não exclui que haja também atividade de pesquisa. Mas de modo algum deve haver uma hierarquia, colocando a pesquisa acima da atividade artística. Há que ser arte e/ou pesquisa. Uma faculdade de música só de "pesquisadores" e sem artistas será de pouca utilidade para a sociedade.

Existe uma diferença fundamental entre o científico e o musical, que é a reprodutibilidade das experiências e dos resultados cuja experiência única e irrepetível extrapola a ação canônica do experimento científico. A criação científica constrói uma teoria que é o resultado de um novo invento e, por conseguinte pode ser refutada por outra nova descoberta. A criação artística (não científica) não é uma teoria nem produz uma nova descoberta em sua essência estética, portanto, não pode ser contestada por uma nova descoberta. A diferença essencial entre as criações científicas e artísticas é que as primeiras resultam em teorias que são o resultado de novas formulações e que podem ser refutadas, enquanto as criações não científicas não são teorias, logo não podem ser refutadas.

A atividade artística e o artista não são absolutamente dispensáveis. E essa discussão é eminentemente política na universidade. Cientificismo (entendido aqui como uma falsa Ciência) é uma capa exteriormente revestida de argumentos pseudocientíficos cuja única função é manter uma argumentação incontestável, de maneira a manipular e

se manter no poder. Os argumentos parecem ciência, mas não são. Talvez os verdadeiros cientistas da filosofia passem pelos mesmos problemas que passamos. Na Psicologia os problemas são os mesmos. A meta poderia ser juntar forças em todos os departamentos.

Serão recebidas propostas de comunicação que discutam as questões do argumento acima e que narrem experiências de produções artístico-acadêmicas dentro dessa perspectiva.

*Prof. Dr. Marcos Câmara de Castro
Organizador do VIII EMRP*

ALOYSIO FAGERLANDE, UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

A Pós-Graduação Profissional em Música: um novo (velho) caminho para a performance musical no Brasil e suas possibilidades de pesquisa

Newton Sucupira já salientava a necessária dupla modalidade que a pós-graduação haveria de ter no Brasil, tanto acadêmica como profissional: “de um lado a instrução científica e humanista para servir de base a qualquer ramo, e doutra parte teria por fim a formação profissional”. Sucupira concluía em seu parecer histórico: “o Mestrado tanto pode ser de pesquisa como profissional” (BRASIL apud FAGERLANDE, 1965, p.5).

A partir de 1990, a política oficial da CAPES foi de estimular a expansão da pós-graduação profissional, e os Planos Nacionais de Pós-Graduação (PNPGs) começam “a atribuir cada vez mais valor a uma Pós-Graduação com outras ênfases além da formação para a pesquisa acadêmico-científica” (ROBATTO apud FAGERLANDE, 2015, p. 101).

No caso específico de nossa Área,

[...] esta variedade de formatos se adequa bem à realidade do mundo de trabalho em Artes, que, se entendido em sua pluralidade, vai abarcar uma ampla variedade de abordagens às práticas e produtos artísticos, incluindo os seus processos de produção, gerenciamento, difusão e transmissão de conhecimentos. (ROBATTO, 2015, p.104)

Borgdorff “discorre sobre a transformação das práticas artísticas em pesquisa artística, e a conseqüente modificação da academia em um local que também proporcione espaço para formas não discursivas de conhecimento, métodos de pesquisa não tradicionais, além de novos formatos de apresentação e publicação.” (FAGERLANDE, 2018).

As duas possibilidades mais aderentes, no caso da pós-graduação profissional, seriam as que Borgdorff define como Pesquisa para as artes (*Research for the arts*) e Pesquisa nas artes (*Research in the Arts*).

Essa abordagem adequa-se inteiramente às propostas dos atuais mestrados profissionais em Artes, notadamente em Música. A primeira reflete claramente a produção de métodos, sites, processos e procedimentos. A segunda, poderá estar presente na descrição do desenvolvimento de uma prática artística, em que o autor/artista se envolve com a obra de arte por ele produzida, gerando uma pesquisa artística.

Pretendemos apresentar alguns trabalhos finais produzidos no Programa de Pós-graduação Profissional em Música-PROMUS /UFRJ, como novas (e velhas) possibilidades de pesquisa na Área em nosso país.



Aloysio Fagerlande – Doutor em Música com tese sobre Villa-Lobos (UniRio, 2008), realizou curso de aperfeiçoamento (*Cours de Perfectionnement*) na classe de Gilbert Audin no Conservatoire National de Region de Rueil-Malmaison, França, obtendo o “Prix de Virtuosité” (1986-1987). Como camerista e integrante do Quinteto Villa-Lobos já se apresentou nas principais salas de concerto do Brasil, América do Sul, Europa, África e Oriente Médio, além de ter registrado em CDs grande parte da produção camerística brasileira para fagote, com destaque para a obra de câmara para sopros de Heitor Villa-Lobos e de Francisco Mignone. Como professor já ministrou oficinas e aulas em diversos Festivais e Cursos no Brasil, América do Sul e Europa. Professor associado de fagote da Escola de Música da UFRJ, integra o

Programa de Pós-graduação em Música (PPGM)-UFRJ além do Programa de Pós-graduação Profissional em Música-PROMUS/UFRJ, sendo atualmente seu Coordenador. Desde 2018 é secretário-executivo do Fórum Nacional dos Programas Profissionais- FOPROF.

JOHN RINK, UNIVERSITY OF CAMBRIDGE

Entre teoria e prática: estudos sobre performance musical e/como pesquisa artística

Desde 2000, a quantidade de trabalho realizado no campo dos estudos de performance musical cresceu exponencialmente, graças à pesquisa realizada pelo CHARM (www.charm.rhul.ac.uk) e pelo CMPCP (www.cmcp.ac.uk), além de outras empresas individuais e coletivas. Permanece, no entanto, considerável potencial para desenvolver a “musicologia da performance” com que essas iniciativas são comprometidas, sobretudo buscando uma maior aproximação com o campo da pesquisa artística, que se desenvolveu rapidamente em paralelo. Este artigo oferecerá uma avaliação retrospectiva do que os estudos de desempenho musical e a pesquisa artística alcançaram nas últimas duas décadas, o que eles pretendem fazer e para quem, e para onde podem ir no futuro, seja em conjunto ou separadamente. Ao fazê-lo, responderei às conclusões problemáticas apresentadas por Ian Pace num recente artigo de revisão “O novo estado dos estudos da performance” (Music & Letters, 2017), considerando tanto as disputas e argumentos territoriais que têm um impacto limitado sobre comunidades mais amplas de artistas ou ouvintes (como Pace gostaria que fosse) e, em contraste, os impactos positivamente retumbantes que eu acredito que o trabalho nessas áreas teve. Consideração será então dada ao que os estudos de performance musical e a pesquisa artística oferecem aos próprios performers em termos de percepção teórica por um lado e inspiração artística por outro.

Between practice and theory: musical performance studies and/as artistic research

*Since 2000 the amount of work undertaken in the field of musical performance studies has grown exponentially, thanks to the research carried out by CHARM (www.charm.rhul.ac.uk) and CMPCP (www.cmcp.ac.uk) along with other individual and collective enterprises. There nevertheless remains considerable potential to develop the 'musicology of performance' to which these initiatives have been committed, not least by seeking greater rapprochement with the field of artistic research, which has rapidly developed in parallel. This paper will offer a retrospective assessment of what both musical performance studies and artistic research have achieved over the past two decades, what they aim to do and for whom, and where they might head in the future, whether in conjunction or separately. In doing so, I will respond to the problematic conclusions advanced by Ian Pace in a recent review-article 'The new state of play in performance studies' (*Music & Letters*, 2017) by considering both 'the territorial disputes and arguments that have a limited impact upon wider communities of performers or listeners' (as Pace would have it) and, in contrast, the resoundingly positive impacts that I believe the work in these areas has had. Consideration will thus be given to what musical performance studies and artistic research offer performers themselves in terms of theoretical insight on the one hand and artistic inspiration on the other.*



foto: Martynas Aleksa

JOHN RINK – John Rink is Professor of Musical Performance Studies at the University of Cambridge, Fellow in Music at St John's College, and Director of Cambridge Digital Humanities and the Cambridge Centre for Musical Performance Studies. He works in the fields of Chopin studies, performance studies, music analysis, and digital musicology. He studied at Princeton University, King's College London, and the University of Cambridge, and he holds the Concert Recital Diploma and Premier Prix in piano from the Guildhall School of Music & Drama. The books that he has published with Cambridge University Press include *The Practice of Performance* (1995), *Chopin: The Piano Concertos* (1997), *Musical Performance* (2002) and *Annotated Catalogue of Chopin's First Editions* (with Christophe Grabowski; 2010); the last of these received the Oldman Prize in 2011 and the Duckles Award in 2012. John Rink is General Editor of a series of five books on musical performance which Oxford University Press published in 2017,

one of which he co-edited (*Musicians in the Making: Pathways to Creative Performance*). He is also Editor in Chief of *The Complete Chopin – A New Critical Edition* (Edition Peters, London), in addition to directing the Online Chopin Variorum Edition and *Chopin's First Editions Online* (www.chopinonline.ac.uk). He also directed the AHRC Research Centre for Musical Performance as Creative Practice (CMPCP; www.cmcp.ac.uk) from 2009 to 2015. He performs regularly as a pianist and lecture-recitalist, with a specialist interest in Pleyel pianos.

VIII Encontro de Musicologia de Ribeirão Preto

dias 22 (qui) e 23 (sex) de agosto de 2019

A MÚSICA E AS ARTES NA UNIVERSIDADE: PUBLISH OR PERISH?

Chamada de Propostas de Comunicações

Esta chamada de trabalhos destina-se a pesquisadores de Iniciação Científica e equivalentes, mestrandos, doutorandos e professores universitários das mais diversas disciplinas. As propostas de comunicações deverão discutir e/ou narrar experiências de pesquisas artísticas no âmbito acadêmico, questões teóricas e métodos. São bem-vindas propostas nacionais e internacionais, inclusive numa perspectiva comparativa.

As propostas deverão ser enviadas até o dia 10 de julho de 2019, para mcamara@usp.br, com cópia para ccbomfim@uol.com.br e corvisier@usp.br e deverão conter:

- Autor (es/as)
- Título
- Afiliação/ Instituição
- Disciplina
- Endereço
- e-mail
- Título da Comunicação
- Sumário (entre 3000 e 4000 caracteres com espaços)
- Palavras-chave
- Referências bibliográficas

Respostas, após avaliação cega por pares serão divulgadas em 31 de julho.